

# Sarney só ajudará os que o apoiarem

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

O presidente José Sarney quer saber quem está com ele em momentos decisivos para evitar desgastes na Aliança Democrática, e sua reação será na mesma intensidade da solidariedade que lhe for conferida. Ou seja, o governo ficará à vontade para ajudar apenas os parlamentares que defenderem seus interesses no Congresso Nacional.

Esta foi a principal orientação do



presidente Sarney durante a reunião de ontem do conselho político do governo, e transmitida pelo líder do PMDB na Câmara, Pimenta da Veiga, com endereço certo: os deputados que na semana passada, durante a votação da emenda da Constituinte, romperam com o acordo feito pela Aliança para negociar uma anistia aos militares cassados pela revolução de 1964. Pimenta da Veiga deixou o gabinete do presidente Sarney repetindo que o PMDB passa, no momento, por uma crise de identidade que precisa ser superada imediatamente. Sarney não está disposto, segundo ele, a tolerar dois discursos, numa alusão direta aos deputados que defenderam sua rebeldia invocando os princípios históricos do PMDB, que tem como premissa bási-

ca a anistia ampla, geral e irrestrita também aos militares.

"Existem os políticos que vêm mantendo uma conduta de solidariedade ao governo e outros que preferem ficar com dois discursos: o de oposição quando é conveniente e o de governo quando é confortável", denunciou o líder, acrescentando que ao governo se reserva também o direito de atendê-los "quando for conveniente". Apesar da dureza do recado, Pimenta não quis admitir a existência de uma "lista negra", qualificando também de "grosseiro" o termo de que daqui para frente o diálogo entre governo e Congresso será na base do "olho por olho".

Ele não interpreta a orientação do presidente como uma despedida aos descontentes e anunciou a inten-

ção de procurar, ainda esta semana, os deputados e vice-líderes do PMDB que votaram na subemenda de Jorge Ueque (PMDB-RS), que previa anistia ampla aos militares cassados. "Numa primeira análise, observamos as mais variadas motivações, mas cada caso é um caso. Precisamos compor com todos os parlamentares que integram os partidos de sustentação política do governo, no entanto é preciso que haja essa consciência", disse, não excluindo os partidos que não fazem parte da Aliança Democrática. "O governo não sonegará solidariedade a qualquer deputado que queira apoiá-lo."

O senador Carlos Chiarelli (PFL-RS) também participou da reunião do conselho político e deixou registrada a mesma impressão junto ao

presidente Sarney: "Os que têm funções de governo ocupam espaço político no governo e são governo, também devem sê-lo numa hora de votação decisiva".

De acordo com Pimenta da Veiga, as recentes fissuras no PMDB acabaram retardando uma definição do calendário de votação de matérias importantes, como a Constituinte e a reforma tributária. O dia 16 de novembro, contudo, será marco para reiniciar os esforços de votação do segundo turno da emenda de convocação da Assembléia Nacional Constituinte, esperando-se que nessa semana mesmo a matéria esteja na ordem do dia. Até lá ele acredita que a maior parte das dificuldades seja superada, sem necessidade de o governo instalar um novo canal de comu-

nicação com o Congresso, idéia que chegou a ser cogitada anteontem pelo presidente Sarney, conforme revelou o deputado Francisco Pinto (PMDB-BA). Pimenta afirmou que o Palácio do Planalto já possui "vozes políticas" em número suficiente no Congresso e no Executivo, sendo o próprio presidente Sarney "a de mais alto tom — e bastante ouvida pelos parlamentares".

Pimenta e Chiarelli foram os porta-vozes do conselho ao final da reunião que durou pouco mais de uma hora no gabinete do presidente. Participaram também o ministro do Gabinete Civil, José Hugo Castello Branco, o ministro da Justiça, Fernando Lyra, e os líderes Hélio Gueiros, do PMDB no Senado, e José Lourenço, do PFL na Câmara.